

Segunda Declaração de Havana

(4 de fevereiro de 1962)

Do povo de Cuba aos povos da América e do mundo

As vésperas de sua morte, em carta inconclusa porque uma bala espanhola atravessou-lhe o coração, em 18 de maio de 1895, José Martí, apóstolo da nossa independência, escreveu ao seu amigo Manuel Mercado: "Já posso escrever ... já estou todos os dias em perigo de dar minha vida por meu país e por meu dever... de impedir, a tempo, com a independência de Cuba, que se estendam pelas Antilhas os Estados Unidos, e joguem mais esse peso sobre nossas terras da América. Tudo o que fiz até hoje, e farei, é para isso... As mesmas obrigações menores e públicas dos povos mais vitalmente interessados em impedir que em Cuba se abra, pela anexação dos imperialistas, o caminho que se há de fechar e com nosso sangue estamos fechando, da anexação dos povos de nossa América, ao Norte revoltado e brutal que nos despreza, impediu a sua adesão ostensiva e patente a este sacrifício que se faz em seu bem imediato. Vivi no monstro e lhe conheço as entranhas; e a minha funda é a de David."

Já em 1895, Martí assinalou o perigo que ameaçava a América e chamou o imperialismo pelo seu nome: imperialismo. Aos povos da América advertiu que eles estavam, mais do que ninguém interessados em que Cuba não sucumbisse à cobiça ianque, desprezadora dos povos latino-americanos. E com seu próprio sangue, vertido por Cuba e pela América, rubricou as palavras póstumas que, em homenagem à sua memória, o povo de Cuba subscreve hoje, no princípio desta Declaração.

Transcorreram 67 anos. Porto Rico foi convertido em colônia e é ainda colônia, saturada de bases militares. Cuba caiu também nas garras do imperialismo. Suas tropas ocuparam nosso território. A Emenda Platt foi imposta à nossa primeira Constituição, como cláusula humilhante que consagrava o odioso direito de intervenção estrangeira. Nossas riquezas passaram às suas mãos. Nossa história falseada, nossa administração e nossa política moldadas inteiramente aos interesses dos interventores; a nação submetida a 60 anos de asfixia política, econômica e cultural. Mas Cuba se levantou, Cuba pôde redimir-se da bastarda tutela. Cuba rompeu as cadeias que atavam sua sorte ao império opressor, resgatou suas riquezas, reivindicou sua cultura, e hasteou sua bandeira soberana, de território e povo livre da América.

(...)

Que é a história de Cuba senão a história da América Latina? E que é a história da América Latina senão a história da Ásia, da África e da Oceania? E o que é a história de todos estes povos senão a história da exploração mais desapiadada e cruel do imperialismo no mundo inteiro? Em fins do século passado e começos do presente, um punhado de nações economicamente desenvolvidas, haviam terminado de repartir o mundo entre si, submetendo a seu domínio econômico e político, a dois terços da humanidade, que, desta forma, viu-se obrigada a trabalhar para as classes dominantes do grupo de países de economia capitalista desenvolvida.

(...)

O sistema capitalista de produção, quando realizou tudo que era capaz, converteu-se num obstáculo ao progresso da humanidade. Porém, a burguesia, desde sua origem, trazia consigo mesma seu contrário. No seu interior se desenvolveram gigantescos instrumentos produtivos, que, por sua vez, desenvolveu-se uma nova e vigorosa força social: o proletariado, chamado a mudar o sistema social já velho e caduco do capitalismo por uma forma econômico-social superior e de acordo com as possibilidades históricas da sociedade humana, convertendo em propriedade de toda a sociedade esses gigantescos meios de produção que os próprios povos, com seu trabalho, criaram e acumularam.

(...)

Los interesses da humanidade exigiam o fim da anarquia na produção, o desperdício, as crises econômicas e as guerras de rapina próprias do sistema capitalista.

As crescentes necessidades do gênero humano e a possibilidade de satisfazê-las, exigiam o desenvolvimento planificado da economia e a utilização racional dos seus meios de produção e recursos naturais.

Era inevitável que o imperialismo e o colonialismo entrassem em profunda e irreversível crise. A crise geral se iniciou na Primeira Guerra Mundial, com a revolução dos operários e camponeses que derrubou o império czarista da Rússia e implantou, em difícilíssimas condições de cerco e agressão capitalistas, o primeiro Estado socialista do mundo, iniciando uma nova era na história da humanidade. Desde então até nossos dias, a crise a decomposição do sistema imperialista tem se acentuado incessantemente.

A Segunda Guerra Mundial desatada pelas potências imperialistas, e que arrastou a União Soviética e outros povos da Europa e da Ásia, criminosamente invadidos, a uma sangrenta luta de libertação, culminou na derrota do fascismo, a formação do campo mundial do socialismo, e a luta dos povos coloniais e dependentes pela sua soberania. Entre 1945 e 1957, mais de 1 milhão e 200 mil seres humanos conquistaram sua independência na Ásia e na África. O sangue derramado pelos povos não foi em vão.

O movimento dos povos dependentes e colonizados é um fenômeno de caráter universal que agita o mundo e marca a crise final do imperialismo.

Cuba e América Latina fazem parte do mundo. Nossos problemas são parte dos problemas que se originam da crise geral do imperialismo e a luta dos povos subjugados; o choque entre o mundo que nasce e o mundo que morre. A odiosa e brutal campanha desatada contra nossa pátria expressa o esforço desesperado e inútil que os imperialistas fazem para evitar a libertação dos povos. Cuba dói de maneira especial aos imperialistas. Que se esconde por trás do ódio ianque a Revolução Cubana? Que explica racionalmente a conspiração que reúne no mesmo propósito agressivo a potência imperialista mais rica e poderosa do mundo contemporâneo e as oligarquias de todo um continente, que juntos supostamente representam uma população de 350 milhões de seres humanos, contra um pequeno povo de apenas 7 milhões de habitantes, economicamente subdesenvolvido, sem recursos financeiros nem militares para ameaçar nem a segurança nem a economia de nenhum país?

O que os une e congrega é o medo. O que explica é o medo. Não o medo a Revolução Cubana; o medo a revolução latino-americana. Não o medo aos operários, camponeses, estudantes, intelectuais e setores progressistas das classes médias que tomaram o poder de forma revolucionária em Cuba, senão o medo a que os operários, camponeses, estudantes, intelectuais e setores progressistas das classes médias tomem revolucionariamente o poder nos povos oprimidos, famintos e explorados pelos monopólios ianques e a oligarquia reacionária da América; o medo a que los povos saqueados do continente tomem as armas dos seus opressores e se declarem, como Cuba, povos livres da América.

(...)

As condições subjetivas de cada país — quer dizer, o fator consciência, organização, direção— podem acelerar ou atrasar a revolução segundo seu maior ou menor grau de desenvolvimento; porém, cedo ou tarde, em cada época histórica, quando as condições objetivas amadurecem, a consciência se adquire, a organização se conquista, a direção surge e a revolução se produz.

(...)

A inquietação que hoje se registra é sintoma inequívoco de rebelião. Agitam-se as entranhas de um continente que foi testemunha de quatro séculos de exploração escrava, semi-escrava e feudal do homem, desde seus moradores aborígenes e os escravos trazidos da África, até os núcleos nacionais que surgiram depois; brancos, negros, mulatos, mestiços e índios hoje sentem o desprezo, a humilhação e o jugo ianque, e se irmanam na esperança de uma amanhã melhor.

(...)

E diante da realidade objetiva e historicamente inexorável da revolução latino-americana, qual é a atitude do imperialismo ianque? Disposição de levar uma guerra colonial com os povos da América Latina; criar

o aparato de força, os pretextos políticos e os instrumentos pseudo-legais, apoiados pelos representantes das oligarquias reacionárias para reprimir a sangue e fogo a luta dos povos latino-americanos.

A intervenção do governo dos Estados Unidos na política interna dos países da América Latina tem ad vez mais aberta e desenfreada.

A Junta Interamericana de Defesa, por exemplo, foi e é o ninho onde se incubam os oficiais mais reacionários e pró-ianques dos exércitos latino-americanos, utilizados depois como instrumentos golpistas a serviço dos monopólios.

As missões militares norte-americanas na América Latina constituem um aparato de espionagem permanente em cada nação, vinculado estreitamente a CIA, inoculando nos oficiais os sentimentos mais reacionários e tratando de converter os exércitos em instrumentos de seus interesses políticos e econômicos.

Atualmente, na zona do Canal do Panamá, o alto comando norte-americano organizou cursos especiais de treinamento para oficiais latino-americanos, de luta contra guerrilhas revolucionárias, dirigidos a reprimir a ação armada das massas camponesas contra a exploração feudal a que estão submetidas.

Nos próprios Estados Unidos, a CIA organizou escolas especiais para treinar agentes latino-americanos nas mais sutis formas de assassinato, e é uma política decidida pelos serviços militares ianques a liquidação física dos dirigentes anti-imperialistas.

É notório que as embaixadas ianques em distintos países da América Latina estão organizando, instruindo e equipando bandos fascistas para semear o terror e agredir as organizações operárias, estudantis e intelectuais. Esses bandos, que recrutam os filhos da oligarquia, a lumpens e gente da pior qualidade moral, realizaram já uma serie de atos agressivos contra os movimentos das massas.

(...)

Esta política declarada do imperialismo norte-americano, de enviar soldados para combater o movimento revolucionário em qualquer país da América Latina, quer dizer, para matar operários, estudantes, camponeses, homens e mulheres latino-americanos, não tem outro objetivo que o de seguir mantendo seus interesses monopolistas e os privilégios da oligarquia traidora que os apoia.

(...)

Esta política de paulatino estrangulamento da soberania das nações latino-americanas, e de mãos livres para intervir nos seus assuntos internos, teve seu ponto culminante na última reunião de chanceleres. Em Punta del Este, o imperialismo ianque reuniu os chanceleres, para arrancar-lhes, mediante pressão política e chantagem econômica sem precedentes, com a cumplicidade de um grupo dos mais desprestigiados governantes deste continente, a renúncia à soberania nacional dos nossos povos e a consagração do odiado direito de intervenção ianque nos assuntos internos da América; a submissão dos povos à vontade onipresente dos Estados Unidos, contra a qual lutaram todos os próceres, desde Bolívar até Sandino.

(...)

Naquele conclave imoral, a voz titânica de Cuba elevou-se sem debilidade nem medo para acusar ante todos os povos da América e do mundo o monstruoso atentado, e defender virilmente, e com dignidade que constará nos anais da história, não só o direito de Cuba, senão o direito desamparado de todas as nações irmãs do continente americano.

(...)

Em Punta del Este se travou uma grande batalha ideológica entre a Revolução Cubana e o imperialismo ianque. Que representavam ali, por quem cada um falou? Cuba representou os povos; Os Estados Unidos representou os monopólios. Cuba falou pelas massas exploradas da América; Estados Unidos pelos interesses oligárquicos exploradores e imperialistas. Cuba pela soberania; Estados Unidos pela intervenção. Cuba pela nacionalização das empresas estrangeiras; Estados Unidos ppor novos

investimentos de capital estrangeiro. Cuba pela cultura; Estados Unidos pela ignorância. Cuba pela reforma agrária; Estados Unidos pelo latifúndio. Cuba pela industrialização da América; Estados Unidos pelo subdesenvolvimento. Cuba pelo trabalho criador; Estados Unidos pela sabotagem e pelo terror contrarrevolucionário que praticam seus agentes, a destruição de canaviais e fábricas, os bombardeios de seus aviões piratas contra o trabalho de um povo pacífico. Cuba pelos alfabetizadores assassinados; Estados Unidos pelos assassinos. Cuba pelo pão; Estados Unidos pela fome. Cuba pela igualdade; Estados Unidos pelo privilégio e a discriminação. Cuba pela verdade; Estados Unidos pela mentira. Cuba pela libertação; Estados Unidos pela opressão. Cuba pelo futuro luminoso da humanidade; Estados Unidos pelo passado sem esperança. Cuba pelos heróis que morreram em Girón para salvar a pátria do domínio estrangeiro; Estados Unidos pelos mercenários e traidores que servem ao estrangeiro contra sua pátria.

Cuba pela paz entre os povos; Estados Unidos pela agressão e a guerra. Cuba pelo socialismo; Estados Unidos pelo capitalismo.

Os acordos obtidos pelos Estados Unidos com métodos tão lamentáveis que o mundo inteiro critica, somente acrescentam a moral e a razão de Cuba; demonstram o entreguismo e a traição das oligarquias aos interesses nacionais e mostram aos povos o caminho da libertação; revelam a podridão das classes exploradoras, em cujo nome falaram seus representantes em Punta del Este. A OEA foi desmascarada como o que é: um ministério de colônias ianques, uma aliança militar, um aparato de repressão contra o movimento de libertação dos povos latino-americanos.

Cuba viveu três anos de Revolução sob incessante ameaça de intervenção ianque em nossos assuntos internos. Aviões piratas, procedentes dos Estados Unidos, lançando materiais inflamáveis, queimaram milhões de arrobas de cana; atos de sabotagem internacional perpetrados por agentes ianques, como a explosão do vapor La Coubre, custou dezenas de vidas cubanas; milhares de armas norte-americanas de todo tipo foram lançadas de paraquedas pelos serviços militares dos Estados Unidos sobre nosso território para promover a subversão; centenas de toneladas de materiais explosivos e máquinas infernais foram desembarcados sub-repticiamente nas nossas costas por lanchas norte-americanas para promover a sabotagem e o terrorismo; um operário cubano foi torturado na base naval de Guantánamo e privado da vida sem processo prévio nem explicação posterior alguma; nossa cota açucareira foi suprimida abruptamente, y proclamado embargo de peças e matérias primas para fábricas e maquinários de construção norte-americana para arruinar nossa economia; barcos artilhados e aviões de bombardeio, procedentes de bases preparadas pelo governo dos Estados Unidos, atracaram de surpresa em portos e instalações cubanas; tropas mercenárias, organizadas e treinadas nos países da América Central pelo próprio governo, invadiram nosso território com intuito de guerra, escoltadas por barcos da frota ianque e com apoio aéreo desde bases exteriores, provocando a perda de numerosas vidas e a destruição de bens materiais; contrarrevolucionários cubanos são instruídos no exército dos Estados Unidos e novos planos de agressão realizam-se contra Cuba. Tudo isso ocorreu durante três anos incessantemente, à vista de todo o continente, e a OEA não se inteira. Os chanceleres se reúnem em Punta del Este, e sequer adverte ao governo dos Estados Unidos nem os governos cúmplices materiais dessas agressões. Expulsam a Cuba, o país latino-americano vítima, o país agredido. Estados Unidos têm pactos militares com países de todos os continentes; blocos militares com quanto governo fascista, militarista e reacionário haja no mundo: a OTAN, a SEATO e a CENTO, aos quais deve-se agregar agora a OEA; intervêm no Laos, no Vietnam, na Coréia, em Formosa, em Berlim; envia abertamente barcos a Santo Domingo para impor sua lei, sua vontade, e anuncia seu propósito de usar seus aliados da OTAN para bloquear o comércio com Cuba, e a OEA nem toma conhecimento. Reúnem-se os chanceleres e expulsam Cuba, que não tem pactos militares com nenhum país. Assim, o governo que organiza a subversão em todo o mundo e forja alianças militares nos quatro continentes, expulsa Cuba, acusando-a nada menos que de subversão de vinculações extracontinentais.

Cuba, o país latino-americano que converteu em donos das terras a mais de 100.000 pequenos agricultores, assegurado emprego todo o ano em granjas e cooperativas a todos os operários agrícolas, transformado os quartéis em escolas, concedido 60.000 becas a estudantes universitários, secundários e tecnológicos, criado aulas para a totalidade da população infantil, liquidado totalmente o analfabetismo, quadruplicado os serviços médicos, nacionalizado as empresas monopolistas, suprimido o abusivo sistema que convertia a moradia em um meio de exploração para o povo, eliminado virtualmente o desemprego, suprimido a discriminação por motivo de raça ou sexo, varrido o jogo, o vício e a corrupção administrativa, armado o povo, feito realidade viva o desfrute dos direitos humanos ao liberar o homem e a mulher da exploração, a incultura e a desigualdade social; que se libertou de toda tutela estrangeira,

adquirido plena soberania e estabelecido as bases para o desenvolvimento de sua economia afim de não ser mais país monoprodutor e exportador de matérias primas, é expulso da OEA por governos que não conseguiram para seus povos nem uma só destas reivindicações. Como poderão justificar sua conduta ante os povos da América e do mundo? Como poderão negar que em seu conceito a política de terra, de pão, de trabalho, de saúde, de liberdade, de igualdade e de cultura, de desenvolvimento acelerado da economia, de dignidade nacional, de plena autodeterminação e soberania, é incompatível com o hemisfério?

(...)

Grande como foi a epopeia da independência da América Latina, heroica como foi aquela luta, à geração de latino-americanos de hoje lhes toca uma epopeia maior e mais decisiva para a humanidade. Porque aquela luta foi para libertar-se do poder colonial espanhol, de uma Espanha decadente, invadida pelos exércitos de Napoleão. Hoje lhes toca uma luta de libertação contra a metrópole imperial mais poderosa do mundo, frente a força mais importante do sistema imperialista mundial, e para prestar à humanidade um serviço todavia maior do que fizeram nossos antepassados.

Porém, esta luta mais que aquela, serão feitas pelas massas, pelos povos; os povos vão jogar um papel muito mais importante que antes; os homens, os dirigentes, importam e importarão nesta luta menos que importaram no passado.

Esta epopeia que temos na nossa frente vai ser escrita pelas massas famintas de índios, de camponeses sem terra, de operários explorados; vão escrever as massas progressistas, os intelectuais honestos e brilhantes que tanto abundam em nossas sofridas terras da América Latina. Luta de massas e de ideias; epopeia que levarão adiante nossos povos maltratados e desprezados pelo imperialismo, nossos povos desconhecidos até hoje, que já começaram a tirar-lhe o sono. Nos considerava rebanho impotente e submisso, e já começam a assustar-se com este rebanho; rebanho gigante de 200 milhões de latino-americanos que serão os coveiros do capital monopolista ianque.

Com esta humanidade trabalhadora, com estes explorados infra-humanos, paupérrimos, não se deu importância nem se levou em consideração.

Desde os inícios da independência seus destinos tem sido os mesmos: índios, gaúchos, mestiços, brancos sem bens nem rendas, toda essa massa humana que se formou nas filas da “pátria” que nunca desfrutou, que morreu aos milhões, que foi despedaçada, que ganhou a independência de sua metrópole para a burguesia; essa, que foi desterrada da repartição da riqueza, seguiu ocupando o último degrau dos benefícios sociais, seguiu morrendo de fome, de enfermidades curáveis, de desatenção, porque para ela nunca chegaram os bens salvadores: o simples pão, a cama de um hospital, o remédio que salva, a mão que ajuda.

Porém, a hora da sua reivindicação, a hora que ela mesma elegeu, vem sendo assinalado com precisão agora também de um extremo a outro do continente. Agora, esta massa anônima, esta América de cor, sombria, taciturna, que canta em todo o continente com uma mesma tristeza e desengano, agora esta massa é a que começa a entrar definitivamente na sua própria história, começa a escrever com seu sangue, começa a sofrer e a morrer. Porque agora, pelos campos e montanhas da América, pela base das suas serras, por seus vales e suas selvas, entre a solidão, ou no tráfego das cidades, ou nas costas dos grandes oceanos e rios, começa-se a estremecer este mundo cheio de razões, com os punhos quentes de desejos de morrer pelo que é seu, de conquistar seus direitos quase 500 anos enrolados por uns e por outros. Agora, sim, a história terá que contar com os pobres da América, com os explorados e vilipendiados da América Latina, que decidiram começar a escrever eles mesmos, para sempre, sua história. Já se vê eles pelas estradas, um dia e outro, a pé, em marchas sem fim, de centenas de quilômetros, para chegar até os “olimpós” governantes buscando seus direitos. Já se vê a eles, armados de pedras, de paus, de facões, de um lado a outro, a cada dia, ocupando as terras, fincando seus garfos na terra que lhes pertence e defendendo-a com sua vida; Já se vê levando suas bandeiras, suas palavras de ordem, fazendo-as correr no vento entre as montanhas ou ao longo dos vales. E esta onda de estremecido rancor, de justiça reclamadas, de direito pisoteado que se começa a levantar pelas terras da América Latina, essa onda já não parará mais. Essa onda irá crescendo a cada dia que passa, porque essa onda os que acumulam com seu trabalho as riquezas, criam os valores, fazem andar as rodas da história, e que agora despertam do longo sono embrutecedor a que foi submetido.

Porque esta grande humanidade disse “Basta!” e começou a andar. E sua marcha de gigantes já não se deterá até conquistar a verdadeira independência, pela que já morreram is de uma vez inutilmente. Agora, em todo caso, os que morram, morreram como os de Cuba, os da Playa Girón, morrerão por sua única, verdadeira, irrenunciável independência!

Pátria ou Morte!

Venceremos!

O povo de Cuba

Havana, Cuba, Território Livre da América, 4 de fevereiro de 1962